

Igreja

Volume 2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Küng, Hans, 1928-2021

Igreja : vol. 2 / Hans Küng ; tradução de Hermann Emanuel Von Imhoff. - São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Grandes teólogos dos séculos XX e XXI)

ISBN 978-85-349-6089-2

Título original: Kirche 1. Igreja Católica 2. Eclesiologia I. Título II. Imhoff, Hermann Emanuel Von III. Série

26-0645

CDD 282.08

Índice para catálogo sistemático:
1. Igreja Católica

Coleção **GRANDES TEÓLOGOS DOS SÉCULOS XX E XXI**

- *O Deus de Jesus Cristo*, Walter Kasper
- *Evangelho e dogma: fundamentos da dogmática – volume 1*, Walter Kasper
- *Evangelho e dogma: fundamentos da dogmática – volume 2*, Walter Kasper
- *Igreja – volume 1*, Hans Küng
- *Igreja – volume 2*, Hans Küng
- *Jesus, o Cristo*, Walter Kasper
- *A Igreja Católica*, Walter Kasper
- *As Igrejas particulares na Igreja universal: a maternidade da Igreja*, Henri de Lubac
- *Por uma Igreja mais humana*, Edward Shillebeeckx
- *Paradoxo e mistério da Igreja*, Henri de Lubac
- *No coração da liturgia cristã*, Yves Congar
- *A Escritura na Tradição*, Henri de Lubac
- *A humanidade e a encarnação de Deus: estudos sobre os fundamentos da dogmática, da cristologia, da antropologia teológica e da escatologia*, Karl Rahner
- *Renovação da Igreja: estudos sobre a teologia pastoral e a estrutura da Igreja*, Karl Rahner
- *Catolicismo: os aspectos sociais do dogma*, Henri de Lubac

HANS KÜNG



Igreja

Volume 2

TRADUÇÃO:
HERMANN EMANUEL VON IMHOFF



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Kirche*

© Verlag Herder GmbH, Freiburg im Breisgau 2015

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Tarsila Doná,
André Odashima

Design

Julia Ahmed

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS – 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6089-2

ÍNDICE

VOLUME 2

PARTE 3 OBRA PRINCIPAL: <i>A IGREJA</i>	11
CAPÍTULO QUARTO AS DIMENSÕES DA IGREJA	13
I. UMA IGREJA	13
1. A QUESTÃO SOBRE A VERDADEIRA IGREJA	13
2. UNIDADE NA MULTIPLICIDADE	19
3. A UNIFICAÇÃO DAS IGREJAS	27
II. IGREJA CATÓLICA	47
1. CATOLICIDADE NA IDENTIDADE	47
2. FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO?	62
III. IGREJA SANTA	68
1. SANTIDADE NA PECAMINOSIDADE	68
2. EXISTÊNCIA PERMANENTE EM PERDÃO E RENOVAÇÃO	79
IV. IGREJA APOSTÓLICA	94
1. SOBRE OS FUNDAMENTOS DOS APÓSTOLOS	94
2. APOSTOLICIDADE NA SUCESSÃO	104
CAPÍTULO QUINTO OS SERVIÇOS NA IGREJA	111
I. O SACERDÓCIO COMUM	111
1. CRISTO COMO O ÚNICO SUMO SACERDOTE E MEDIADOR	111
2. TODOS OS CRISTÃOS COMO UM SACERDÓCIO REAL	118
II. OFÍCIO ECLESIAÍSTICO COMO SERVIÇO	136
1. SERVIÇO NA SUCESSÃO DE CRISTO	136
2. A ESTRUTURA DIACONAL	142
3. PODER DE PEDRO E SERVIÇO DE PEDRO	191
EPÍLOGO	227
ABREVIACÕES	237
PARTE 4 DISCUSSÃO SOBRE <i>A IGREJA</i>	239
CAPÍTULO PRIMEIRO TESES SOBRE A NATUREZA DA SUCESSÃO APOSTÓLICA	241
INTRODUÇÃO	241
O ORIGINAL E SUAS TRADUÇÕES	241
INTRODUÇÃO TEOLÓGICA	241
TESES SOBRE A NATUREZA DA SUCESSÃO APOSTÓLICA	243

CAPÍTULO SEGUNDO INTERCOMUNHÃO E ECUMENISMO	
(SOBRE A EUCARISTIA DE PENTECOSTES EM PARIS)	251
INTRODUÇÃO	251
O ORIGINAL	251
CONTEXTO BIOGRÁFICO	251
SOBRE A EUCARISTIA DE PENTECOSTES EM PARIS	252
CAPÍTULO TERCEIRO CONVITE À AUTOAJUDA:	
SOBRE O DECRETO DO PAPA ACERCA DOS CASAMENTOS MISTOS	257
INTRODUÇÃO	257
O ORIGINAL E SUAS TRADUÇÕES	257
CONTEXTO BIOGRÁFICO	257
CONVITE À AUTOAJUDA:	
SOBRE O DECRETO DO PAPA ACERCA DOS CASAMENTOS MISTOS	260
POSFÁCIO	264
CAPÍTULO QUARTO DO QUE SE TRATA: CORRESPONDÊNCIA COM YVES CONGAR	265
INTRODUÇÃO	265
O ORIGINAL	265
CONTEXTO BIOGRÁFICO	265
1. YVES CONGAR: CARTA A HANS KÜNG	266
2. HANS KÜNG: CARTA A YVES CONGAR	269
POSFÁCIO	272
CAPÍTULO QUINTO DUAS ECLESIOLOGIAS? QUESTÕES FUNDAMENTAIS	275
INTRODUÇÃO	275
O ORIGINAL E SUA TRADUÇÃO	275
CONTEXTO BIOGRÁFICO	275
A IGREJA DO EVANGELHO	276
1. A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS	277
2. O LUGAR DA TRADIÇÃO ECLESIASTICA NA SISTEMATIZAÇÃO TEOLÓGICA	287
SISTEMATIZAÇÃO	287
3. IGREJA <i>AD INTRA</i> E <i>AD EXTRA</i>	297
4. OBSERVAÇÕES SOBRE A QUESTÃO DA INFALIBILIDADE	310
PARTE 5 RESUMO DE <i>A IGREJA</i>	315
O QUE É IGREJA?	317
INTRODUÇÃO	317
O ORIGINAL E SUAS TRADUÇÕES	317
OBSERVAÇÃO PRELIMINAR	317
PREFÁCIO	317
CONTEÚDO	319
PARTE 6 PARA QUE O MUNDO CREIA: CARTAS AOS JOVENS	323
PARA QUE O MUNDO CREIA: CARTAS AOS JOVENS	325
INTRODUÇÃO	325
O ORIGINAL E SUAS TRADUÇÕES	325
CONTEXTO BIOGRÁFICO	325
EM VEZ DE UM PREFÁCIO	326

PRIMEIRA CARTA <i>VOCÊ FALA COM PROTESTANTES?</i>	329
SEGUNDA CARTA <i>O CATÓLICO DEVE DEFENDER TUDO?</i>	335
TERCEIRA CARTA <i>A CRÍTICA É SUFICIENTE?</i>	339
QUARTA CARTA <i>SEMPRE FOI ASSIM?</i>	345
QUINTA CARTA <i>NOSSO CULTO DE ADORAÇÃO</i>	351
SEXTA CARTA <i>CRISTÃOS – SEPARADOS PARA SEMPRE?</i>	357
SÉTIMA CARTA <i>NÃO HÁ SALVAÇÃO FORA DA IGREJA?</i>	363
OITAVA CARTA <i>O QUE ACONTECE COM OS GENTIOS?</i>	369
ORAÇÕES DOS GENTIOS	375
AMOR ALTRUÍSTA	376
EU SOU UM ESTRANHO	376
ILUMINA O MEU ROSTO	376
VEM A MIM, Ó DEUS	377
NONA CARTA <i>VOCÊ É SUPERSTICIOSO?</i>	379
DÉCIMA CARTA <i>VOCÊ TEM DÚVIDAS DE FÉ?</i>	385
AGRADECIMENTOS	391

VOLUME 2



PARTE 3

OBRA PRINCIPAL:
A IGREJA



CAPÍTULO QUARTO

AS DIMENSÕES DA IGREJA

I. Uma Igreja

1. A questão sobre a verdadeira Igreja

Desde o Concílio de Constantinopla (381), a Igreja professa a afirmação do Credo Niceno-constantinopolitano (D 86), que foi confirmado em Éfeso e Calcedônia: “Creio [...] (na) Igreja una, santa, católica e apostólica” (εις μίαν, άγίαν, καθολικήν και άποστολικήν εκκλησίαν).

O ser que a Igreja recebe pela ação salvífica escatológica de Deus em Cristo é o mesmo ser que lhe é dado como responsabilidade de ser concretizado continuamente na história por meio dos seres humanos. A Igreja que existe na história não pode fugir dessa constante renovação de sua forma. Essa renovação implica uma transformação da forma por meio das decisões e responsabilidades humanas. Deus não impõe a essência da Igreja mecanicamente, nem a invade com uma inevitabilidade mística, e tampouco age por meio de um desenvolvimento orgânico, mas chama os seres humanos a uma sempre nova decisão de fé, a uma responsabilidade livre e a um serviço amoroso. Não é possível manter a forma original da Igreja, como ela se expressou na Igreja primitiva, para todas as épocas. Novos tempos exigem novas formas. No entanto, mesmo com a mudança das formas, a estrutura fundamental dada por Deus para a Igreja por meio da salvação em Cristo deve ser preservada para que ela continue sendo a verdadeira Igreja. Nem toda transformação de forma é necessariamente adequada ao ser. Devido ao fracasso humano em sua responsabilidade livre, pode haver uma discrepância entre o ser e a forma da Igreja: erros, desvios, falhas de julgamento e desenvolvimentos incorretos. Portanto, pode haver uma Igreja verdadeira e uma Igreja falsa, uma realização adequada ao ser e uma realização contrária ao ser. E então surge a questão dos critérios pelos quais podemos distinguir entre a verdadeira e a falsa Igreja.

a) Podem a unidade, a santidade, a catolicidade e a apostolicidade ser as características distintivas da verdadeira Igreja? Diante das falhas, das heresias e da possibilidade de uma Igreja falsa, essa pergunta não pode ser descartada de antemão; pelo contrário, ela deve ser continuamente refeita: onde está, quem é a verdadeira Igreja? De fato, a verdadeira Igreja é a Igreja dos crentes, a Igreja dos que creem, e, ao contrário de outras formas de crença, ela só pode ser reconhecida em sua verdadeira essência no contexto da fé. Mas justamente essa Igreja – e a questão não se coloca apenas para a Igreja universal, mas também para a Igreja local – deve e precisa se perguntar sobre sua legitimidade. Para o crente, a pergunta é significativa: será que esta ou aquela Igreja que se diz Igreja de Cristo é realmente a Igreja de Cristo? A Igreja, como *Ekklesia* dos crentes, não é simplesmente invisível, mas visível-invisível. Como povo de Deus, como construção no Espírito, como Corpo de Cristo, a Igreja é, de fato, reconhecível como Igreja.

Onde está a verdadeira Igreja? A pergunta pode ser dirigida tanto ao indivíduo na Igreja quanto à Igreja enquanto comunidade. A mistura dessas duas questões pode causar confusão. A questão sobre o *indivíduo* também precisa ser levantada no Novo Testamento, especialmente em relação aos falsos irmãos, aos mestres de heresia, aos falsos profetas e, de maneira geral, aos pecadores. Todos eles tornam urgente a pergunta: será que esta Igreja visível é *realmente* a Igreja? Especialmente as Igrejas populares despertam essa dúvida. Não é surpreendente, então, que essa questão tenha sido fortemente levantada, tanto com o surgimento da Igreja popular, com Agostinho, quanto com o seu declínio na Idade Média, com Wyclif, Hus e os Reformadores. A Igreja não existe sem os seus membros, antes ou acima deles, mas *nos* seus membros, e, portanto, a questão não pode ser rejeitada ou transferida para uma Igreja ideal. Mas será que ela pode ser respondida? A resposta pode envolver distinções de pertencimento (à Igreja em ato ou em potência; ao corpo ou à alma da Igreja, ou seja, não ao corpo, mas à alma; à alma, mas não ao corpo, e assim por diante), mas, no fim, sempre resulta na constatação de que a Igreja concreta, empírica, não é inteiramente Igreja, pois, ao lado dos verdadeiros membros da Igreja, pode haver também membros falsos, hipócritas. Assim, a Igreja visível, empírica, é um *corpus permixtum*, um misto de trigo e joio, de bons e maus peixes. A adesão externa e voluntária à Igreja e a verdadeira pertença interior não se coincidem automaticamente. Mas isso resolve a questão? Este ou aquele indivíduo em particular pertence

à Igreja – e pertence verdadeiramente à Igreja? Não se nega que certos sinais possam ser identificados, e que a própria Igreja possa estabelecer diretrizes externas e emitir juízos disciplinares. Mas qualquer palavra da Igreja ou do indivíduo sobre essa questão será sempre uma palavra provisória, condicional. “Não julgueis, para que não sejais julgados (Mt 7, 1).” Isso vale também e especialmente em relação à fé e à incredulidade, o critério fundamental para o pertencimento à Igreja. Não pelo cânon da fé, mas pelo cânon do amor é que se deve julgar. Já nos foi dado o cânon da esperança! O ser humano não se encontra tanto em situações definidas (fé/incredulidade), mas em um movimento que está aberto para o futuro. A última, definitiva e infalível palavra só pode ser dada por aquele que, pela sua graça, chama, justifica e julga. “Portanto, não julgueis nada antes do tempo, até que o Senhor venha, o qual também esclarecerá o que está oculto nas trevas e manifestará as intenções dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor (1Cor 4,5).”

Onde está a verdadeira Igreja? Nossa pergunta não diz respeito ao indivíduo, à sua adesão fática à Igreja, mas à Igreja como tal: será que esta comunidade específica é a verdadeira Igreja? Diferentemente do coração do indivíduo, que só Deus conhece, o estado e a condição de uma comunidade podem ser reconhecidos. Existem sinais da Igreja que são visíveis e reconhecíveis por todos. Mesmo o não crente os perceberá, mas, como não crente, acabará por mal interpretá-los. Ele verá, mas não compreenderá verdadeiramente o que ocorre ali, pois sua essência permanece velada para ele. Só o crente é capaz de ver e entender esses sinais na sua verdadeira realidade: a ação de Deus na Igreja, para os homens e por meio dos homens. Um reconhecimento crítico e recusante, ou neutro e indiferente, verá os sinais, mas não será capaz de decifrar a sua mensagem. Só o reconhecimento engajado e positivo é capaz de entender verdadeiramente a realidade da Igreja. Mas por meio de quais sinais é a Igreja reconhecível? Será que unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade podem servir como marcas distintivas? Desde a Idade Média e a Reforma, essas quatro características do *credo* se tornaram cada vez mais marcadores apologeticos da verdadeira Igreja.¹

1 Quanto às diversas *Notae*, consulte os livros didáticos de teologia fundamental (especialmente A. Lang, M. Nicolau e J. Salaverri, T. Zapelena) e de dogmática (principalmente M. Schmaus III/1, K. Barth IV/1, E. Brunner III, O. Weber II) e os artigos correspondentes nos dicionários, especialmente o artigo de A. Kolping “*Notae Ecclesiae*”, em: *LThK VII*, p. 1044-1048 (bibliografia); entre as monografias mais recentes, destaca-se *Les Notes de l’Église dans l’apologétique catholique depuis la Réforme* (1937), de G. Thils.